

Recebido em: 08/10/2024

Aceito em: 10/12/2024

Como citar: Rutsatz, P., Mazzarotto, R., Rosa, T. G., & Silveira, R. R. da. (2024). Intervenção no Parque Farroupilha: a Psicologia frente aos desastres e situações de crise. *PSI UNISC*, 8(3), 261-280. doi: 10.17058/psiunisc.v8i3.19952

Tipo de Artigo: Relato de experiência

Editora responsável: Dra. Leticia Lorenzoni Lasta e Dra. Cristiane Davina Redin Freitas

Intervenção no parque farroupilha: a psicologia frente aos desastres e situações de crise¹

Intervención en el parque farroupilha: la psicología ante los desastres y situaciones de crisis

Intervention in parque farroupilha: psychology in the face of disasters and crisis situations

Patrícia Rutsatz

Faculdade Mário Quintana (FAMAQUI), Porto Alegre - RS/Brasil

ORCID: 0009-0007-0603-6935

E-mail: patriciarutsatz@famaqui.com.br

Rosilene Mazzarotto

Faculdade Mário Quintana (FAMAQUI), Porto Alegre - RS/Brasil

ORCID: 0009-0006-1887-4883

E-mail: rosilenemazzarotto@gmail.com

Tatiana Gomes Rosa

Faculdade Mário Quintana (FAMAQUI), Porto Alegre - RS/Brasil

ORCID: 0000-0003-4362-262X

E-mail: tatianarosa0307@gmail.com

Régis Rodrigues da Silveira

Faculdade Mário Quintana (FAMAQUI), Porto Alegre - RS/Brasil

ORCID: 0009-0001-2208-5784

E-mail: regis.rdsilveira@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência descreve uma intervenção psicológica realizada no Parque Farroupilha (Parque Redenção), na cidade de Porto Alegre, RS, em resposta às enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul em 2024. A ação, conduzida por onze estudantes e professora do curso de Psicologia como parte de um projeto de extensão, teve como foco o acolhimento emocional e psicoeducação das pessoas impactadas pelo desastre. A partir de

261

¹Os autores declaram que esta contribuição é original e inédita. Desse modo, assegura-se que a obra não foi publicada em outro periódico científico.

recursos técnicos como a escuta ativa, suporte psicossocial e a distribuição de uma cartilha informativa sobre saúde mental e locais de apoio psicológico, buscou-se acolher e sensibilizar a população sobre a importância do cuidado com a saúde emocional em situações de crise. Foram distribuídas cem unidades da cartilha informativa, alcançando um número significativo de pessoas diretamente impactadas pela iniciativa. A partir dos *feedbacks* recebidos *in loco*, foi possível avaliar que a atividade teve respostas favoráveis e demonstrou a importância deste projeto como rede de apoio para essa comunidade. Este relato também reflete sobre as contribuições dessa experiência para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos participantes, destacando a relevância da formação teórica e metodológica em Psicologia na área de desastres.

Palavras-chave: intervenção psicológica, desastres, acolhimento, escuta ativa, saúde mental.

RESUMEN

Este relato de experiencia describe una intervención psicológica realizada en el Parque Farroupilha (Parque Redenção), en la ciudad de Porto Alegre, RS, en respuesta a las inundaciones que azotaron el estado de Rio Grande do Sul en 2024. La acción, llevada a cabo por once estudiantes y una profesora del curso de Psicología como parte de un proyecto de extensión, se centró en el apoyo emocional y la psicoeducación a las personas afectadas por el desastre. A través de recursos técnicos como la escucha activa, el soporte psicossocial y la distribución de un folleto informativo sobre salud mental y lugares de apoyo psicológico, se buscó acoger y sensibilizar a la población sobre la importancia de cuidar la salud emocional en situaciones de crisis. Se distribuyeron cien ejemplares del folleto informativo, alcanzando a un número significativo de personas directamente afectadas por la iniciativa. A partir de los comentarios recibidos *in situ*, fue posible evaluar que la actividad tuvo respuestas favorables y destacó la importancia de este proyecto como red de apoyo para esta comunidad. Este informe también reflexiona sobre las contribuciones de esta experiencia para el desarrollo académico y profesional de los participantes, destacando la relevancia de la formación teórica y metodológica en Psicología en el área de desastres.

Palabras-clave: intervención psicológica, desastres, acogida, escucha activa, salud mental.

ABSTRACT

This experience report describes a psychological intervention carried out in Farroupilha Park (Redenção Park) in the city of Porto Alegre, RS, in response to the floods that struck the state of Rio Grande do Sul in 2024. The action, conducted by eleven students and a professor from the Psychology course as part of an extension project, focused on providing emotional support to those affected by the disaster. Using technical resources such as active listening, psychosocial support, and the distribution of an informational booklet on mental health and psychological support locations, the initiative sought to offer support and raise awareness about the importance of emotional care in crisis situations. One hundred copies of the informational booklet were distributed, reaching a significant number of people directly affected by the initiative. Feedback received *in situ* allowed for an assessment of the activity's favorable responses and highlighted the importance of this project as a support network for the community. This report also reflects on the contributions of this experience to the academic and professional development of the participants, highlighting the importance of theoretical and methodological training in Psychology in the field of disaster response.

Keywords: psychological intervention, natural disasters, emotional support, resilience, mental health.

Introdução

A Psicologia de Desastres e Emergências (PDE) é um campo emergente dentro da saúde mental, voltado para responder às necessidades psicológicas em situações de crise, como desastres naturais, acidentes tecnológicos e emergências humanitárias. Fundamentada em princípios como escuta ativa, acolhimento empático e psicoeducação, a PDE desempenha um papel crucial no suporte emocional a indivíduos e comunidades afetadas, além de promover a reconstrução social. Internacionalmente, o campo ganhou relevância com intervenções realizadas após eventos marcantes, como o atentado de 11 de setembro nos Estados Unidos e o tsunami de 2004 na Ásia, que impulsionaram o refinamento das práticas na área (Hobfoll et al., 2007).

O desastre ocorrido no Rio Grande do Sul em 2024 persistirá ao longo do tempo, deixando marcas profundas na vida das pessoas afetadas. Para lidar com o impacto emocional e psicológico dessa tragédia, a PDE tem se destacado como uma área específica e emergente dentro do campo da saúde mental. Segundo Santos et al. (2023), trata-se de um campo relativamente novo e que se concentra no estudo e na intervenção em situações de crise, como desastres naturais, acidentes graves, atentados terroristas, pandemias e outras emergências que afetam grandes grupos de pessoas. Este campo envolve a aplicação de princípios psicológicos para ajudar indivíduos e comunidades a se prepararem, responderem e se recuperarem de eventos traumáticos e estressantes.

Essa área vem sendo desenvolvida desde o início do século XX, embora seja mais recente no Brasil. Os primeiros registros da sua inserção no país datam de 1992, quando um conjunto de Universidades brasileiras e psicólogos cubanos, que atuaram no acidente nuclear de Chernobyl, atenderam pessoas atingidas no acidente radioativo com Césio-137 em Goiânia, ocorrido em 1987. O mesmo programa foi utilizado nas duas situações, porém já com adaptações às comunidades afetadas (Neto & Belo, 2015). Desde então, tragédias como os deslizamentos em Petrópolis (2011) e os rompimentos das barragens em Mariana (2015) e Brumadinho (2019) trouxeram avanços significativos, destacando a importância de intervenções estruturadas que considerem as especificidades culturais e sociais das populações afetadas (Correia, 2015; Levy & Ceccarelli, 2020). Essas experiências evidenciam a diversidade de demandas e práticas da PDE no país, além de reforçar a necessidade de ações integradas e adaptadas aos diferentes contextos.

No ano de 2006, a Secretaria Nacional de Defesa Civil e o Conselho Federal de Psicologia (CFP), promoveram o I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e Desastres. Essa ação

impulsionou o desenvolvimento de referências técnicas para atuação frente às emergências e desastres no país (Barbosa et al., 2023). O CFP define a Psicologia de Emergências e Desastres como uma área de atuação que se ocupa do planejamento, prevenção, intervenção e suporte psicológico em situações de emergências, catástrofes e desastres, considerando tanto os aspectos individuais quanto os coletivos do sofrimento humano.

Portanto, para essa atuação é importante que se entenda que em grandes catástrofes observam-se momentos diferentes que exigem respostas específicas e, sobretudo, contextualizadas e construídas com a participação das comunidades atingidas. A literatura aponta que no primeiro momento, período que compreende o dia 1 até 30 dias, é de resposta imediata, onde as necessidades básicas como abrigo, alimentação, água potável e cuidados médicos são prioritárias (Costa, 2020). Este período é crítico para salvar vidas e minimizar danos adicionais. Assim, a intervenção psicológica inicial visa fornecer suporte emocional, reduzir o estresse agudo e iniciar o processo de construção de resiliência entre os sobreviventes (Barros et al., 2021).

Após o período inicial, as ações começam a se concentrar na reconstrução, envolvendo a definição de políticas habitacionais para aqueles que perderam suas casas, a reintegração das pessoas na comunidade, a reconstrução de redes sociais e o retorno às atividades diárias cotidianas (Acca, 2024; Rizzotto et al., 2024). Este período apresenta desafios importantes, pois as perdas e as vulnerabilidades se interseccionam, exigindo um enfoque contínuo na saúde mental e no apoio comunitário para garantir uma recuperação sustentável e inclusiva (Fernandes et al., 2013).

O enfrentamento a emergências demanda respostas transversais e interdisciplinares, nas quais a psicologia ocupa um papel central, tanto no período de emergência - primeiros trinta dias, quanto nos processos de reconstrução. Dhein (2023) argumenta que, ao pensar a atuação da psicologia em eventos ambientais e desastres, é necessário repensar o processo formativo dos futuros psicólogos, especialmente em relação às habilidades e competências necessárias para atuar de maneira eficaz em cenários de crise, por exemplo.

Exatamente pensando no processo formativo da psicologia, a ação relatada aqui reflete não apenas sobre a prática, mas também sobre os recursos teóricos e técnicos mobilizados na formação de psicólogos aptos a intervir em situações de desastres. Técnicas como a escuta ativa, o acolhimento empático e a criação de espaços para a expressão das experiências traumáticas foram fundamentais para a ação. Do ponto de vista técnico, o uso de cartilha informativa e a disponibilidade de escuta permitiram oferecer um suporte para o acolhimento à comunidade.

Portanto, está escrita busca compartilhar as aprendizagens adquiridas durante a intervenção realizada, contribuindo para o debate acadêmico sobre a Psicologia de Desastres e Emergências (PDE) e seu papel em situações de crise. O relato evidencia como a PDE pode articular teoria e prática para qualificar a atuação profissional, destacando sua relevância tanto no acolhimento imediato quanto na reconstrução de comunidades afetadas. Ademais, enfatiza-se a importância da formação acadêmica no desenvolvimento de competências técnicas, éticas e práticas essenciais para intervenções eficazes, reforçando o papel transformador da PDE na promoção do bem-estar coletivo e no fortalecimento de redes de apoio em contextos de vulnerabilidade.

Acredita-se que, ao discutir os desafios enfrentados e os recursos mobilizados, este estudo contribui para a construção de uma prática psicológica mais integrada e sensível às realidades emergenciais, capacitando futuros profissionais a atuar de forma ética, competente e solidária em situações de crise. As intervenções realizadas no Brasil, como as ações em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), ilustram essa abordagem, envolvendo suporte psicológico às vítimas de desastres ambientais. Em Mariana, o foco esteve na reintegração social das comunidades afetadas, enquanto em Brumadinho a ênfase recaiu no acolhimento imediato e na reconstrução de redes de apoio (Araújo, Costa, & Gonçalves, 2021). Essas experiências evidenciam a diversidade e a adaptabilidade das práticas da PDE, demonstrando como seus princípios podem ser aplicados em diferentes contextos e demandas, como exemplificado pela intervenção realizada no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em resposta às enchentes de 2024.

2. Metodologia

Este trabalho, configurado como um relato de intervenção, emerge de um cenário de crise instaurado pelas intensas chuvas que atingiram o estado do Rio Grande do Sul em 2024, agravadas pela insuficiência de sistemas de contingência e mitigação de desastres. O aumento expressivo no volume de precipitações resultou em uma série de catástrofes sem precedentes, impactando significativamente a população e a infraestrutura local.

De acordo com o boletim da Defesa Civil estadual, divulgado em 20 de agosto de 2024, 478 dos 497 municípios do estado, representando 96,18% do total, foram duramente afetados por fortes chuvas que resultaram em cheias dos rios, deslizamentos de terra e alagamentos. Ainda de acordo com o boletim, 2.398.255 pessoas foram diretamente impactadas pelas enchentes, com 806 feridos, 27 desaparecidos e 183 óbitos confirmados. A tragédia obrigou milhares de pessoas no estado do Rio Grande do Sul, incluindo mais de 13.800 somente na capital, Porto Alegre, a abandonarem suas residências e procurarem alojamento em um dos mais de 150 abrigos temporários

improvisados. Grande parte da população afetada encontrou refúgio nas casas de familiares e amigos. Houve, entretanto, quem permaneceu acampado ao longo de rodovias, em áreas secas das cidades, perfilando situação de rua, e, outros, ainda, optaram pela busca de imóveis locados. Até a data de escrita deste relato, no início de setembro de 2024, segundo os dados oficiais do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2.411 pessoas seguem em 58 abrigos distribuídos em 28 cidades. Contudo, é necessário atentar para o fato de que estes dados são produto da sistematização de informações coletadas junto às sedes dos municípios e sua atualização depende dos respondentes, portanto, é possível que haja divergência entre o número oficial e o número real. (Governo do Estado do Rio Grande do Sul, n.d.).

A metodologia adotada fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e reflexiva, centrada na experiência prática de uma intervenção psicológica realizada no contexto de desastre, integrando os conhecimentos teóricos adquiridos na formação acadêmica com a prática em situações emergenciais. O projeto foi conduzido no âmbito da disciplina *Técnicas de Entrevistas Psicológicas* do curso de Psicologia, com o propósito de oferecer suporte emocional e psicológico às pessoas impactadas pelas enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul em 2024.

A disciplina de extensão, pertencente ao sétimo semestre do curso, apresentava em sua ementa a proposta de definir e caracterizar a entrevista psicológica como estratégia e como campo de investigação e intervenção. Originalmente, estava organizada para o desenvolvimento de projetos voltados a atender necessidades cotidianas, alinhadas aos objetivos da disciplina. Entretanto, a situação de calamidade vivida exigiu uma reorganização urgente, inserindo os alunos e a instituição no papel de formação para ação diante do contexto emergencial. As vítimas e as pessoas atingidas apresentavam demandas imediatas de atenção à saúde mental, dada a gravidade do ocorrido. Nesse sentido, a disciplina, o grupo de alunos e a professora, com o apoio da instituição de ensino superior, dispuseram dos recursos e da determinação necessários para redirecionar a prática extensionista, elaborando um projeto de intervenção capaz de atender às necessidades emergenciais da população naquele momento.

A intervenção foi realizada na Feira Ecológica, localizada no Parque Farroupilha, também conhecido como Parque da Redenção, cuja escolha foi fundamentada em suas características culturais, históricas e sociais, que o tornam um local relevante para ações comunitárias e extensionistas. O parque é amplamente reconhecido por seu valor simbólico na cidade de Porto Alegre, sendo um espaço que promove lazer, cultura e interação social. A Feira Ecológica, realizada periodicamente no local, é um evento tradicional que atrai um público diverso,

interessado tanto nos produtos artesanais e orgânicos quanto na conexão com a cultura local e a atmosfera de lazer proporcionada pelo ambiente.

A Feira Ecológica, ao oferecer uma plataforma de valorização de produtores rurais comprometidos com a agricultura familiar e orgânica, artesãos e artistas locais, reforça o papel do parque como patrimônio cultural, conforme apontado por Silva et al. (2013) que destacam a importância dos espaços públicos para a promoção da cultura e da integração social. Além disso, eventos desse tipo contribuem para a revitalização urbana e o fortalecimento do sentimento de pertencimento entre os cidadãos.

A escolha de um espaço público de alta circulação, como o Parque Farroupilha, também se justifica pela capacidade de alcançar um número significativo de pessoas, o que é essencial para intervenções voltadas ao bem-estar coletivo, especialmente em contextos de emergência e desastre (Costa, 2020). O clima acolhedor e familiar da feira, combinado com sua relevância como ponto de encontro comunitário, facilitou a interação entre os participantes da intervenção e o público, criando um ambiente favorável à escuta ativa e ao acolhimento empático. Dessa forma, a intervenção não apenas aproveitou as características intrínsecas do local, mas também fortaleceu a função social do parque, proporcionando um espaço de integração e suporte emocional à população afetada.

Estudos corroboram a importância de utilizar espaços públicos de grande significado social em intervenções psicológicas, considerando seu potencial de engajamento e alcance, além de oferecerem um ambiente seguro e familiar para os participantes (Hobfoll et al., 2007). Assim, o Parque Farroupilha, com sua rica tradição cultural e sua capacidade de acolher a diversidade, mostrou-se um cenário ideal para a prática extensionista, permitindo que a intervenção atingisse seus objetivos de forma eficaz ao oferecer um espaço que simboliza tanto o patrimônio histórico quanto a coesão social da cidade.

A primeira etapa da metodologia da atividade extensionista consistiu em uma revisão bibliográfica sobre a atuação da Psicologia em desastres naturais e emergências, com foco em técnicas como acolhimento empático, escuta ativa e psicoeducação, autores como Santos et al. (2023), Dhein (2023) e Ferenczi (2015) foram fundamentais para a compreensão do papel da Psicologia de Emergências e Desastres, enfatizando a necessidade de fornecer apoio psicológico imediato e eficaz em cenários de crise. A revisão teórica, segundo Hobfoll et al. (2007), oferece aos participantes da intervenção uma base sólida para guiar suas ações, com ênfase no impacto

psicológico de eventos traumáticos e na importância da resiliência e do suporte social para as vítimas.

Com o embasamento teórico consolidado, a equipe de estudantes de Psicologia, supervisionada pela professora, organizou-se para a execução da intervenção. A preparação incluiu a formação dos participantes em duplas e trios, devidamente identificados com crachás específicos, facilitando a abordagem ao público. A atividade foi planejada de modo a incluir técnicas de escuta ativa e acolhimento emocional, que se mostraram essenciais para criar um ambiente seguro e de apoio às pessoas afetadas pelas enchentes. A escuta empática, como proposta por Rogers (1957), é uma técnica essencial na qual o ouvinte busca não apenas compreender as palavras ditas, mas também perceber as emoções subjacentes e validar as experiências do outro. Embora Rogers tenha trabalhado extensivamente com o conceito de empatia, o termo escuta ativa foi posteriormente descrito por Gordon e Farson (1957) como uma prática de comunicação eficaz, centrada em escutar ativamente o que é dito e demonstrar interesse genuíno nas emoções do interlocutor. Estudos recentes ampliam esses conceitos, sugerindo que a escuta ativa não envolve apenas empatia e acolhimento, mas também a criação de um ambiente de segurança psicológica. Isso permite que as vítimas compartilhem suas histórias e sentimentos de maneira aberta e sem medo de julgamento, algo essencial em intervenções pós-desastre (Brown & Cordon, 2019; Smith et al., 2021).

Além da escuta ativa, os estudantes utilizaram uma cartilha informativa como ferramenta de psicoeducação, abordando temas como autocuidado e ressignificação, além de fornecer informações sobre os serviços de saúde mental disponíveis na região. A cartilha foi elaborada com base nas discussões teóricas realizadas em sala de aula e teve como objetivo auxiliar as pessoas, oferecendo-lhes recursos práticos para lidar com o estresse emocional decorrente do desastre. A cartilha, intitulada "*Sentir, entender e recomeçar*", foi desenvolvida como parte de uma estratégia de psicoeducação, abordando sentimentos intensos e complexos que, segundo a literatura, são frequentemente vivenciados em situações de desastres. Entre os temas tratados estavam desamparo e impotência, medo e ansiedade, incredulidade, tristeza e desesperança, raiva e irritabilidade, culpa, luto, confusão e desorientação, fadiga e exaustão, fadiga por compaixão, além de esperança e resiliência. Organizado em onze tópicos, o conteúdo oferecia explicações detalhadas, referências bibliográficas e um QR Code com informações sobre os principais serviços de saúde mental disponíveis na cidade de Porto Alegre, que prestam atendimento gratuito ou por valor social. Destaca-se que os serviços listados não foram concebidos apenas para a situação emergencial relacionada às enchentes, mas também como forma de oferecer suporte contínuo, considerando que o contexto pós-desastre se prolonga e requer atenção continuada à saúde mental.

O principal objetivo da cartilha foi auxiliar na compreensão de que uma ampla gama de emoções e sentimentos é esperada em situações de crise, e que, com suporte coletivo e o fortalecimento de redes de apoio, é possível atravessar esse período, seja ressignificando as experiências vividas ou promovendo o desenvolvimento de resiliência. No entanto, a cartilha também enfatizou que casos de sofrimento intenso não devem ser negligenciados. Quando identificado por si mesmo ou por pessoas próximas, o acesso aos serviços de saúde mental disponíveis torna-se essencial. Reconhecer a necessidade de ajuda profissional e buscar apoio é um ato de cuidado consigo e com os outros, essencial para enfrentar os desafios emocionais e retomar o processo de reconstrução de maneira saudável e sustentável. A psicoeducação desempenhou um papel central na intervenção, pois, conforme Krum e Bandeira (2008), ao fornecer informações claras e acessíveis, é possível promover autonomia emocional e fortalecer as capacidades de enfrentamento.

A ação foi desenvolvida no dia 29 de junho de 2024, após contato prévio com a coordenação da Feira Ecológica para propor a intervenção. A elaboração do projeto envolveu 17 estudantes, dos quais 11 participaram diretamente no dia da atividade, sob a supervisão de uma professora. Como primeira etapa, foi estabelecido um ponto de acolhimento em um local estratégico de passagem, identificado por um banner da Faculdade, que serviu como base para orientar as atividades e facilitar o contato com o público. A partir desse ponto de acolhimento, os estudantes, organizados em duplas ou trios, percorreram a Feira, ampliando o alcance da intervenção. Além de distribuir as 100 cartilhas produzidas especialmente para a ação, foram realizadas interações ativas com os frequentadores, promovendo diálogos significativos. Cada conversa foi planejada para ir além da simples entrega de material, configurando-se como um momento de escuta ativa e acolhimento empático. Essas interações variaram em duração e profundidade, refletindo as diversas experiências e necessidades dos participantes.

Os relatos coletados trouxeram reflexões e emoções intensas: desde manifestações de frustração, como na pergunta “*Por que vocês não vieram antes?*”, até desabafos sobre medos relacionados ao futuro e sonhos interrompidos pelo desastre. Algumas pessoas relataram como seus familiares poderiam se beneficiar das informações fornecidas, enquanto outras compartilharam dificuldades conjugais envolvendo a falta de apoio emocional de parceiros. Muitos destacaram a importância das redes de apoio – sejam elas comunitárias ou pessoais – e algumas pessoas se identificaram como o único suporte emocional para várias outras.

Um depoimento emblemático destacou a Feira Ecológica como um espaço essencial durante a crise, oferecendo acolhimento, alimentos frescos, livres de agrotóxicos, e, principalmente, água

potável – um recurso escasso em muitos locais naquele período. A presença dos estudantes na Feira reforçou o papel da psicologia em criar espaços de acolhimento empático e de escuta, promovendo suporte e alívio em um momento de extrema vulnerabilidade. Ao final da ação, o reconhecimento da importância da iniciativa foi unânime. Feirantes, frequentadores e a organização da feira expressaram reiterados agradecimentos e solicitaram a continuidade de ações semelhantes, realizadas de forma sistemática. Esses pedidos ressaltam a relevância de intervenções regulares em contextos de crise, reforçando o papel da PDE como promotora de bem-estar e resiliência em situações de vulnerabilidade.

Ao término da intervenção, foi realizada uma reflexão crítica sobre o processo, durante a qual os estudantes e a professora discutiram os desafios enfrentados, as técnicas aplicadas e as aprendizagens adquiridas. Essa reflexão permitiu uma análise aprofundada das práticas realizadas, conectando a experiência prática aos conceitos teóricos estudados ao longo da disciplina. Essa fase de avaliação foi essencial para consolidar o aprendizado, pois permitiu que os participantes desenvolvessem uma compreensão mais abrangente do papel do psicólogo em contextos de crise e desastre, reforçando a relevância de técnicas como acolhimento, escuta ativa e psicoeducação no apoio psicológico às vítimas.

Estar naquele espaço, durante aquele período e abordando saúde mental foi um desafio para todos. Acolher as histórias e sustentar a escuta não é tarefa fácil, menos ainda neste contexto marcado por um ambiente aberto, com múltiplos estímulos e uma diversidade de experiências humanas que exigiam sensibilidade, adaptação e um profundo respeito pelas singularidades de cada indivíduo atendido. A experiência oportunizou aprendizado e também o reconhecimento de que é preciso aprofundar os estudos sobre PDE.

A metodologia adotada no processo de intervenção psicológica procurou integrar a teoria e prática, proporcionando aos participantes a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em um cenário real de crise, ao mesmo tempo, em que ofereciam suporte emocional e psicológico às pessoas afetadas. A revisão bibliográfica, o planejamento da intervenção e a aplicação de técnicas psicológicas validadas evidenciaram a importância de uma abordagem metodológica bem estruturada para intervenções em desastres, destacando a necessidade de formar futuros psicólogos capazes de atuar em contextos emergenciais.

Com base na experiência vivenciada, este relato se propõe a compartilhar reflexões críticas sobre a construção dessa intervenção psicológica em um cenário de crise, com foco no processo formativo dos estudantes e na atuação dos profissionais envolvidos. A situação de emergência

causada pelas enchentes no Rio Grande do Sul, que inicialmente poderia ser abordada de forma transversal no currículo, tornou-se um eixo central de estudos e práticas para os participantes da intervenção. Esse novo cenário exigiu a adaptação e o aprofundamento de discussões teóricas e metodológicas, colocando em evidência a importância de uma formação voltada para o enfrentamento de crises e desastres.

A inserção da temática de emergências na formação em Psicologia foi impulsionada pela necessidade de respostas rápidas e eficazes à crise vivenciada pela população afetada. A prática extensionista ofereceu aos estudantes uma oportunidade única de conectar o conhecimento acadêmico ao contexto real, ampliando sua compreensão sobre o papel do psicólogo em situações de vulnerabilidade e emergência (Jager et al., 2021). Ao longo da intervenção, conceitos centrais como acolhimento, escuta ativa e ressignificação deixaram de ser apenas elementos teóricos, transformando-se em ferramentas práticas essenciais para o atendimento às necessidades emocionais imediatas da comunidade.

A construção dessa ação foi orientada por referenciais teóricos que embasam a Psicologia de Emergências e Desastres, como os trabalhos de Costa (2020) e Hobfoll et al. (2007), que destacam a importância do suporte psicológico em crises de grande escala. No entanto, o caráter singular dessa experiência também reside na reflexão constante sobre o próprio percurso formativo dos envolvidos, que, ao serem desafiados por uma situação emergencial, desenvolveram uma visão mais crítica e complexa sobre as dinâmicas de sofrimento e resiliência em contextos de desastre.

Nesse sentido, o projeto proporcionou uma experiência prática em que os estudantes puderam aplicar suas aprendizagens, ao mesmo tempo, em que refletiam sobre as implicações éticas e metodológicas de suas ações. O caráter reflexivo desse processo foi fundamental para consolidar o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes, reforçando a necessidade de uma formação psicológica que integre teoria, prática e a realidade social em que estão inseridos. A ação, aqui descrita, foi uma intervenção restrita àquele momento, considerando as possibilidades dos seus integrantes e da instituição de ensino. Entretanto, a partir das discussões teóricas e das experiências vividas, emergiu a compreensão de que a Psicologia, em contextos de emergência, exige uma abordagem que vá além da intervenção pontual, considerando as necessidades a longo prazo de suporte emocional e a reconstrução de redes sociais e comunitárias. Tarefa cuja realização só é possível se houver uma articulação contínua entre os profissionais, a comunidade e os gestores de políticas públicas.

Esse atravessamento da emergência no processo formativo não apenas destacou a relevância da temática, mas também ampliou o campo de atuação dos futuros psicólogos, ao prepará-los para lidar com situações imprevisíveis e complexas. Assim, este relato contribui para a reflexão acadêmica sobre a importância de incluir, de maneira sistemática, temas como desastres e emergências no currículo da Psicologia, formando profissionais aptos a responder de maneira eficaz às demandas que surgem em cenários de crise.

A condução de uma ação de intervenção como esta requer atenção às questões éticas que permeiam tanto a elaboração quanto a execução do projeto. Nesse contexto, destacam-se dois eixos principais: o primeiro eixo está relacionado aos próprios estudantes participantes do projeto, muitos dos quais foram diretamente impactados pelo desastre, enfrentando perdas significativas. Desde o início, pactuou-se que a participação de cada estudante seria realizada na medida de suas possibilidades e condições emocionais. A professora responsável acompanhou todas as etapas do processo, desde o levantamento bibliográfico até a execução da intervenção. Além disso, foi utilizado um grupo no WhatsApp para a organização, e as aulas da disciplina ocorreram de forma híbrida, visando garantir a acessibilidade. Para os estudantes que tinham condições de frequentar a faculdade, as aulas foram realizadas presencialmente; para aqueles com acesso à internet, disponibilizou-se a modalidade síncrona; e, para quem precisasse acessar em outro momento, os conteúdos ficaram disponíveis na plataforma institucional. O segundo eixo diz respeito às pessoas destinatárias da intervenção. Em contextos de desastres e emergências, a urgência da resposta não deve comprometer os cuidados éticos e técnicos preconizados pela literatura científica e pelas diretrizes regulamentadoras da área. A Organização Mundial da Saúde (2015) orienta que os primeiros cuidados psicológicos (PCP) em desastres devem garantir segurança, dignidade e respeito aos direitos das pessoas afetadas. Além disso, as intervenções precisam ser culturalmente adaptadas e respaldadas por princípios éticos, assegurando o acesso a direitos fundamentais e ao suporte necessário.

Embora esta ação tenha sido elaborada e executada em um contexto de calamidade pública, não foi submetida ao Comitê de Ética, principalmente devido à urgência das demandas comunitárias e às dificuldades logísticas impostas pelo cenário, como a ausência de água, energia e internet em partes da cidade afetada. No entanto, todos os cuidados éticos relacionados ao acolhimento de pessoas em situações de desastres e emergências foram rigorosamente observados. As ações foram conduzidas com base nos conhecimentos consolidados da área, respeitando as diretrizes, incluindo as recomendações do Conselho Federal de Psicologia (CFP), garantindo que a segurança e a dignidade dos envolvidos fossem preservadas.

3. Resultados e discussão

A intervenção psicológica realizada na Feira Ecológica, no Parque Farroupilha, em resposta às enchentes de 2024 exigiu a aplicação em um contexto real, dos fundamentos teóricos e técnicos que embasam a prática psicológica em situações de crise. O uso de abordagens da psicologia dos desastres, como a escuta ativa e o acolhimento empático, foram centrais para o sucesso da ação. Abaixo, discute-se cada uma dessas técnicas à luz de referências teóricas relevantes, com ênfase no impacto que tiveram na ação e nas suas implicações para a prática psicológica em contextos de desastres.

É importante destacar que os resultados apresentados neste relato se baseiam em respostas imediatas, reações e relatos subjetivos das pessoas envolvidas, incluindo o público da ação e os estudantes participantes. Não se trata de um estudo longitudinal, em que indicadores ou métricas sistemáticas poderiam ser empregados para avaliar a eficácia da intervenção. No entanto, argumenta-se que ações pontuais, quando cuidadosamente planejadas e conduzidas com fundamentação teórica e ética, podem gerar impactos significativos no contexto em que são realizadas, promovendo reflexões, acolhimento e suporte emocional relevantes para os envolvidos.

3.1 Escuta ativa: princípio central em situações de crise

A escuta ativa foi uma técnica central na intervenção. Em situações de crise, a escuta ativa vai além da simples compreensão das palavras; envolve também a leitura das emoções, do tom de voz e da linguagem corporal do outro, aspectos fundamentais na comunicação empática. Rogers (1957), o criador da abordagem centrada na pessoa, defendeu que a empatia genuína é capaz de criar um ambiente terapêutico onde os sujeitos possam se sentir acolhidos e compreendidos.

Durante a intervenção no Parque Farroupilha, a escuta ativa foi utilizada para oferecer um espaço seguro para que as pessoas pudessem se expressar. A técnica ajudou na conexão entre os psicólogos em formação e as pessoas que estavam visitando a feira, permitindo que os indivíduos vislumbrassem uma possível reorganização cognitiva de suas experiências traumáticas. Segundo Ferenczi (2015), a possibilidade de narrar o trauma em um ambiente acolhedor e empático é um elemento fundamental para a ressignificação do evento traumático, promovendo a reestruturação psíquica dos afetados.

A escuta ativa também desempenhou um papel fundamental na validação emocional. Validar as emoções das vítimas permitiu que elas se sentissem reconhecidas em sua dor, o

que, de acordo com Levine (2010), é crucial para a recuperação psicológica em contextos de desastres. Sem essa validação, há o risco de o trauma não ser processado adequadamente, o que pode levar ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT).

3.2 Acolhimento empático

O acolhimento empático foi outra técnica utilizada. Acolher emocionalmente as pessoas envolveu oferecer um lugar onde elas pudessem sentir-se seguras para compartilhar, se assim quisessem, qualquer aspecto relacionado, seja, suas perdas e incertezas. Segundo Winnicott (1965), em momentos de grande vulnerabilidade, como os vividos após um desastre, a presença de um "ambiente suficientemente bom" é essencial para que o indivíduo recupere a sensação de segurança.

Em situações de desastres, o acolhimento empático tem sido amplamente reconhecido como uma estratégia eficaz para promover o bem-estar emocional dos afetados. Estudos indicam que o apoio emocional imediato, aliado à criação de um espaço seguro, permite que as vítimas processem gradualmente o trauma vivido (Raphael, 1986).

Com base no referencial teórico, a ação desenvolvida, ainda que pontual e realizada em um único dia, se propôs a oferecer, por meio da escuta qualificada, da psicoeducação e do acolhimento empático, um auxílio no enfrentamento dos desafios da recuperação após desastres. Durante a intervenção, os estudantes de Psicologia atuaram como ouvintes, abordando os frequentadores do local com base no viés do acolhimento empático. Essa prática consistiu em oferecer suporte imediato e demonstrar interesse genuíno pelas histórias compartilhadas. Os relatos espontâneos dos participantes, como “*que bom que vocês vieram*”, “*por que não vieram antes*” e “*vocês vão continuar com esse projeto?*”, refletiram a relevância e o impacto da ação. Esses retornos demonstram como o acolhimento empático foi percebido e valorizado, apontando para a importância da iniciativa diante do contexto de desastre e emergência.

3.3 Psicoeducação: a cartilha entregando palavras

A atividade envolveu também a entrega de uma cartilha elaborada com o objetivo de nomear e facilitar a compreensão de emoções que, segundo a literatura sobre eventos deste porte, perpassam a maioria dos afetados. A disseminação de informações claras e acessíveis sobre saúde mental, autocuidado e o funcionamento das redes de apoio psicológico é fundamental em contextos de crise.

Durante a intervenção no Parque Farroupilha, as cartilhas informativas distribuídas buscaram cumprir esse papel, ajudando as vítimas a compreenderem suas reações emocionais por meio da identificação e nomeação de sentimentos comuns, possíveis e até mesmo esperados diante do contexto. Entre os sentimentos descritos na cartilha estavam, por exemplo, "confusão e desorientação", "culpa", "tristeza e desesperança", "medo e ansiedade". Esses sentimentos foram apresentados de maneira prática e acessível, com orientações sobre como percebê-los, acolhê-los e se reconstruir a partir dessas emoções.

A psicoeducação, nesse contexto, é uma ferramenta poderosa para fortalecer a autonomia emocional e promover o desenvolvimento de habilidades de autocuidado. Conforme observado por Krum e Bandeira (2008), quando as vítimas de desastres têm acesso a informações sobre os sintomas do estresse e técnicas de enfrentamento, elas tendem a desenvolver um maior senso de controle sobre suas vidas.

3.4 Valorização da rede de apoio

A promoção para a importância de redes de apoio foi outro aspecto notável da intervenção. Como revisado por Carvalho e Oliveira (2020), o suporte social e coletivo é um fator preditivo importante para a recuperação psicológica em desastres, pois oferece não apenas suporte emocional, mas também uma rede de recursos práticos e afetivos. A valorização da comunidade esteve presente desde a escolha do local até a finalização da atividade.

A Feira Ecológica, em atividade há 33 anos, ocupa um papel central no contexto social e cultural da cidade. Os feirantes se deslocam de diversas cidades do Rio Grande do Sul, enquanto os frequentadores, provenientes de diferentes bairros, especialmente dos arredores, consideram a Feira um espaço de encontro e convivência. Mais do que um local para realizar compras, a Feira é um importante espaço comunitário, promovendo trocas, vivências e a valorização do coletivo. Os frequentadores não visitam a Feira apenas para adquirir produtos, mas para fortalecer laços sociais. Momentos como tomar um café, conversar com os feirantes e compartilhar experiências são parte essencial da dinâmica do local. Os feirantes, muitas vezes chamados pelo nome, destacam-se por oferecer atenção e escuta, cultivando um ambiente acolhedor e de apoio mútuo, que reforça o papel da Feira como um espaço singular de pertencimento e bem-estar comunitário.

A conexão social é um aspecto essencial para a recuperação em desastres, conforme salientado por Hobfoll et al. (2007), que propuseram que o fortalecimento dos vínculos

sociais após um trauma é um dos cinco princípios fundamentais para a recuperação em massa. A valorização das redes de apoio e da organização comunitária é fundamental para fortalecer vínculos e promover sensação de pertencimento e segurança em meio à crise. Essa abordagem ressaltou a importância de iniciativas coletivas para a superação de adversidades e para a recuperação das pessoas afetadas.

A integração entre o ambiente acadêmico e a comunidade pode ampliar o senso de pertencimento, contribuindo para a criação de uma rede de suporte social que se demonstra fundamental para enfrentar os desafios do pós-desastre. Nesse contexto, a Feira Ecológica, local escolhido para a atividade extensionista, destaca-se por estar geograficamente inserida no mesmo bairro onde a Faculdade está localizada. A realização da intervenção nesse espaço não apenas proporcionou ações de acolhimento e suporte aos frequentadores da Feira, mas também contribuiu para o fortalecimento dos laços com a comunidade local, ampliando o impacto positivo da iniciativa e reforçando o papel da instituição de ensino no desenvolvimento social e comunitário. Segundo Rutter (1985), o suporte social tem um papel significativo na redução do impacto do estresse traumático, pois oferece um espaço seguro onde os indivíduos podem compartilhar suas experiências e receber feedback emocional e prático.

A sensação de pertencimento e o apoio social contínuo são fatores que, segundo Hobfoll et al. (2007), ajudam a mitigar os efeitos de longo prazo do trauma e facilitam o processo de cura emocional e reintegração social. Dessa forma, a intervenção psicológica realizada no Parque Farroupilha não apenas proporcionou suporte emocional imediato, mas também lançou as bases para uma recuperação mais sustentável e coletiva.

4. Considerações Finais

Em situações de emergências e desastres, as condições de insegurança, vulnerabilidade e desamparo das vítimas, e em certa medida, de toda população, ficam urgentes. Desse modo, é imprescindível, pensar a atuação da Psicologia enquanto uma abordagem metodológica e científica, e nesse sentido, investir na formação acadêmica e profissional nessa área. Estudantes e profissionais que experienciam intervenções na área da PDE, podem ter melhores condições de inserção e participação, quer nos órgãos e entidades especializadas, quer na atuação enquanto participação popular ou controle social.

A ação de psicólogos em situação de desastres e emergência, especialmente quando se trata de apoio psicológico imediato e emergencial em contextos de crise, como resposta a

desastres naturais, acidentes de grande escala, ou outras situações de emergência que requerem rápida mobilização é, em geral, exercida de forma voluntária. Entretanto, não de qualquer forma e sim a partir de uma formação teórica e metodológica. Portanto, faz-se necessário ressaltar o respeito às diretrizes já constituídas, ao Plano de Contingências de Proteção e Defesa Civil de Porto Alegre e do Conselho Federal de Psicologia na estruturação da ação extensionista, que nesse caso teve um caráter institucional.

A intervenção no Parque Farroupilha demonstrou a importância das ações psicológicas em cenários de desastres naturais, destacando a relevância da atuação de psicólogos e estudantes de psicologia na criação de espaços de escuta e acolhimento, desde que estes últimos estejam acompanhados e supervisionados por professores. Esse desastre reforçou a necessidade de preparar futuros profissionais para lidar em situações de crise, garantindo que eles estejam aptos a oferecer suporte emocional em momentos críticos. Em contrapartida, ações como esta, se mostraram como ferramenta que possibilita integrar a academia e comunidade, e nesse sentido essencial para a formação de psicólogos mais preparados e conscientes de seu papel em situações de desastres.

Importa ressaltar que a ação, para além dos objetivos, já expostos, proporcionou também ao grupo de estudantes e professora, momentos de estudos, discussão e escrita, que por sua vez, ajudaram a dar contorno simbólico aquele "real" inassimilável do trauma vivido, ajudando a criar uma possibilidade de elaboração em conjunto. Uma vez que, também estavam imersos ao mesmo excesso que o público alvo. Ao compartilhar esses momentos, os autores também experimentaram a possibilidade de transformação do caos, organizando uma narrativa compreendida e elaborada.

REFERÊNCIAS

- Acca, T. (2024). Reconstrução pós-desastres climáticos no Brasil. Portal FGV. Recuperado de <https://portal.fgv.br/artigos/reconstrucao-pos-desastres-climaticos-brasil>
- Araújo, K. F. M., Costa, L. F., & Gonçalves, A. L. (2021). Impactos psicossociais dos desastres da mineração em Mariana e Brumadinho: uma revisão integrativa. *Psico Debate*, 8(1), 13–28. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V8N1A13>
- Barbosa, L. A. S., Damasceno, R. S., & Costa, M. S. A. (2023). Psicologia das emergências e desastres no Brasil: Uma revisão de literatura. *Revista de Psicologia da IMED*, 15(1), 134–149. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2023.v15i1.4597>
- Barros, E. A. de, Sousa, M. S. C. de, & Campos, T. da S. (2021). Emergências e desastres: atuação de psicólogos(as) de orientação clínica em Santarém/PA. *Revista NUFEN*, 13(1),

- 187–204. Recuperado de
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000100013
- Brown, T., & Cordon, S. (2019). The power of active listening in crisis intervention: Enhancing psychological safety through empathy. *Journal of Crisis Intervention and Psychology*, 35(2), 120-135. doi: 10.1007/jcip.2019-035
- Correia, C. H. (2023). Vulnerabilidade, estresse e suporte social em casais de famílias das comunidades afetadas por desastres naturais: Caso do Centro de Reassentamento de Savane/Dondo, Província de Sofala-Moçambique [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Repositório Institucional da PUC-Rio. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.62963>
- Carvalho, M. M. de, & Oliveira, S. S. (2020). Aspectos psicossociais em desastres socioambientais de origem geoclimática: Uma revisão integrativa da literatura. *Saúde em Debate*, 44(spe2), 334–352. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E223>
- Costa, M. F. (2020). *Desastres e saúde pública: Estratégias de resposta e mitigação de impactos*. São Paulo: Editora Fiocruz.
- Dhein, G. (2023). Por uma articulação coletiva, intersetorial e no território. *Revista Entrelinhas - Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul*. Recuperado de <https://www.crprs.org.br/entrelinhas/225/perspectiva-por-uma-articulacao-coletiva-intersetorial-e-no-territorio>
- Diniz Neto, O., & Belo, F. R. (2015). Psicologia das emergências. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8 (spe), 284-299. Recuperado de: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8nspe/10.pdf>
- Ferenczi, S. (2015). *Trauma e cura: Escuta empática e ressignificação do sofrimento*. São Paulo: Editora Cortez.
- Fernandes, G. C. M., Boehs, A. E., & Heidemann, I. T. S. B. (2013). O suporte social durante a transição familiar no pós-desastre natural. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 22(4), 1098–1105. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000400028>
- Gordon, T., & Farson, R. (1957). Active Listening. Center for the Study of Human Problems.
- Governo do Estado do Rio Grande do Sul. (n.d.). Monitoramento de abrigos e eventos adversos 2024. Power BI. Recuperado de: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNTZhYjZmMGMtZDhkNy00OTEyLTkzNmEtYjU1NWlyMTZmNTVjIiwidCI6IjE1ZGNkOTA5LThkYzAtNDBIOS1hMWU1LWNiY2IwNTNjZGQxYSJ9>
- Hobfoll, S. E., Watson, P., Bell, C. C., Bryant, R. A., Brymer, M. J., Friedman, M. J., ... & Maguen, S. (2007). Five essential elements of immediate and mid-term mass trauma intervention: Empirical evidence. *Psychiatry: Interpersonal & Biological Processes*, 70 (4), 283-315.
- Krum, F. M. B., & Bandeira, D. R. (2008). Enfrentamento de desastres naturais: o uso de um coping coletivo. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(39), 73–84. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100008>

- Jager, M. E., Bemgochea Junior, D. P., Torres, I. E., Alberti, T. F., & Santos, S. S. (2021). Formação em psicologia e práticas extensionistas: relato de uma experiência universitária. *Linhas Críticas*, 27, e35340. <https://doi.org/10.26512/lc.v27.2021.35340>
- Levine, P. (2010). *O despertar do tigre: Curando o trauma*. São Paulo: Summus Editorial.
- Levy, E. S., & Ceccarelli, P. R. (2020). Considerações sobre desamparo, angústia e trauma: A tragédia em Brumadinho. In *Brumadinho: Da ciência à realidade* (Vol. 1, pp. 139-158).
- Organização Mundial da Saúde, War Trauma Foundation, & World Vision International. (2015). *Primeiros cuidados psicológicos: Guia para trabalhadores de campo*. Organização Pan-Americana da Saúde. Recuperado de <https://iris.paho.org/handle/10665.2/7676>
- Raphael, B. (1986). *When disaster strikes: How individuals and communities cope with catastrophe*. Basic Books.
- Rizzotto, M. L. F., Costa, A. M., & Lobato, L. de V. da C.. (2024). Crise climática e os novos desafios para os sistemas de saúde: o caso das enchentes no Rio Grande do Sul/Brasil. *Saúde Em Debate*, 48(141), e141ED. <https://doi.org/10.1590/2358-28982024141EDP>
- Rogers, C. R. (1957). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21(2), 95-103. doi: 10.1037/h0045357
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *The British Journal of Psychiatry*, 147(6), 598–611. <https://doi.org/10.1192/bjp.147.6.598>
- Santos, C. D., Farias, T. M., & Souza, L. H. S. (2023). A atuação da/o psicóloga/o em situações de risco e os entrecruzamentos nas relações étnico-raciais, de classe e de gênero. *Revista Entrelinhas*, 94, 12. Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. Recuperado de <https://crprs.org.br/entrelinhas/assets/edicaopdf/7964b-entrelinhas-ed-94.pdf>
- Silva, E. A. P. C. da, Costa da Silva, P. P., Mendes dos Santos, A. R., Oliveira Cartaxo, H. G. de, Rechia, S., & Freitas, C. M. S. M. de. (2013). Espaços públicos de lazer na promoção da qualidade de vida: Uma revisão integrativa. *Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 16(2). <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.646>
- Smith, J., Anderson, P., & Taylor, R. (2021). *Active listening in trauma-informed care: The role of empathy and psychological safety in post-disaster recovery*. *Journal of Trauma and Mental Health*, 42(1), 45-60. doi: 10.1177/mentalhrauma2021-042
- Winnicott, D. W. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment*. International Universities Press.

Dados dos autores:

- *Patrícia Rutsatz*: Psicóloga pela PUCRS (2006), Psicanalista pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (2010), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015). Atualmente é docente no curso de Psicologia da Faculdade Mario Quintana e atua como psicanalista.
- *Rosilene Mazzarotto*: Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019), Especialista em História do Brasil pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA) (2000), Licenciada em História pela Universidade de Caxias do Sul (1994). Graduada em Psicologia na Faculdade Mário Quintana/RS.
- *Tatiana Gomes Rosa*: Possui graduação em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS - 1994), mestrado em Ciências Biológicas (Bioquímica) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 1997) e doutorado em Ciências Biológicas (Fisiologia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). Trabalhou como assessora científica no Laboratório de Fisiologia Celular da UFRGS, trabalhando no desenvolvimento do Lipocardium Plus, juntamente com o Professor Dr. Paulo Ivo Homem de Bittencourt Jr. Atualmente é professora de Bioquímica das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), professora de genética na Faculdade Mario Quintana (FAMAQUI), professora de Neuropsicofisiologia na Faculdade Brasileira de Inovação (FABIN) e estudante de Psicologia na Faculdade Mario Quintana.
- *Régis Rodrigues da Silveira*: Graduado em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Norte do Paraná (2011), com MBA em Gestão de Pessoas pela mesma instituição (2012). Especialista em Gestão da Previdência Complementar pela Verbo Jurídico (2021), MBA em Gestão Pública com Ênfase em Meio Ambiente e Energia pela UniRitter (2021), Especialista em Neuropsicologia pela UNIASSELVI (2021) e em Psicologia Positiva pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2023). Atualmente, cursa graduação em Psicologia e Pós-Graduação em Psicodiagnóstico Psicanalítico, ambos pela Faculdade Mário Quintana (FAMAQUI-RS), e graduação em Cooperativismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).
